

A Hora das Gaivotas

A Hora das Gaivotas

Autor: João Monge

Em todas as casas há um coração suspenso e uma janela sobre o mar
As crianças recolheram a casa e o mar, sempre o mar, estende as longas crinas de cavalo azul nas paredes de pedra

É noite
É a espada líquida da noite

? *Chicharro com pão dormido, camarada? pão dormido?*

As gaivotas ensaiam o voo tresloucado dos papagaios de papel
Parecem ter medo de poisar, de dar descanso ao seu coração suspenso:
O medo de calar por dentro

? ? *e rabanadas com três dias*
? *Tudo nos serve para medir o tempo. Eles não sonham?*

É a mais líquida de todas as noites
Nada se conforma no seu próprio destino:
As casas,
O mar,
As gaivotas,
Os homens?

Tudo parece convergir para o ninho inevitável onde todas as coisas regressam à sua razão de ser:
A Liberdade

(A Patética de Tchaikovsky escorre de um velho gira-discos para as paredes do refeitório)

? *É tão louco este mundo, camarada 1893, 1893. O ano da Patética, o ano do Grito de Edvard Munch*
O maior grito da humanidade
? *O inexplicável grito de todos nós*

Em todas as casas há um coração suspenso e uma janela sobre o mar
As crianças recolheram a casa e, protegidas pelos pais, adivinham por detrás das cortinas um sinal que dê sentido a tudo
Ninguém sabe o que espera mas toda a gente espera em silêncio

É como se a terra soubesse que há dias em que o mundo tem de ser redondo

3 de Janeiro de 1960

Às sete em ponto da tarde

Adagio? Allegro non troppo

? Nada me passa na garganta, só um grito mudo?

? A estrada ainda está deserta, nem uma luz?

Mas ele há-de vir!

? Somos 10, estamos contados

? Contemo-nos de novo:

Álvaro,

Jaime,

Joaquim,

Carlos,

Francisco,

José,

Guilherme,

Pedro,

Rogério,

Francisco.

E eu, e tu, e quem atrás de nós vier

E todos os que hão-de nascer

Com uma côdea no céu-da-boca

É por isso que o mar espalha a sua toalha bordada na praia, aos nossos pés para, da sua eterna sabedoria, nos prender com a nossa igualdade

Allegro com grazia

? Pai, olha aquele carro, olha aquele carro

? Apaga a luz, apaga a luz?

? Vem com a mala aberta, devagarinho, devagarinho?

? Vem do lado das docas?

? Pai, repara, as gaivotas pousaram todas?

? ? e parou em frente ao forte

É a hora das gaivotas

É a hora das gaivotas

? O homem está a sair do carro, pai?

? Sim. Vai fechar a mala, certamente?

? Olha, as gaivotas, com o som da mala a fechar, levantaram voo novamente

? São misteriosas as campainhas do destino

Allegro molto vivace

Em todas as casas há um coração suspenso pelo medo e pela saudade e uma boca amarrada às paredes cegas

? Francisco, rasga esses lençóis que nos fizeram para sudários.

Todas as palavras são medidas como as sardinhas e quase nunca é domingo

? Vá, tu sabes dar os nós de pescador. Une as tiras e dá-lhes um nó no meio para que as mãos encontrem mais firmeza

A terrina ocupa o centro da mesa as crianças são servidas primeiro

Apenas o tilintar das colheres abre feridas no silêncio das casas

E as côdeas de pão dormido quando estalam no céu-da-boca

? Somos 10, estamos contados

A corda tem de servir 10 vezes, camarada

O jantar é em silêncio

Mas quando o cavalo azul galopa pelas muralhas ouve-se a sua pulsação a estalar o coração das gentes

? Pai, posso ir à janela?

? O carro já se foi embora. Não há nada para ver. Acaba a sopa

? Há, pai! As gaivotas não se calam

E as ondas batem sem conta certa

? Deixa-me apagar a luz?

? Pai, passaram dois carros grandes mesmo agora. Um seguiu em frente e o outro está parado à porta da vizinha com as luzes apagadas

? Esperam alguém. É gente de bem

Finale ? Adagio lamentoso

? Não olhes para baixo, camarada

E o mar, sempre o mar, estende as longas crinas de cavalo azul nas paredes de pedra

? Pai, há uma corda a baloiçar na parede do forte?

Em todas as casas há um coração suspenso e um lugar vazio à mesa

? Isso, conta os nós? tu sabes a conta certa

Não olhes para baixo

? Pai, o homem pôs o carro a trabalhar?

Os gritos das gaivotas cobrem com um véu de tule os ruídos dos ossos contra as pedras

É a natureza do lado certo

? Pai, outro homem? e outro? e outro?

É o medo contaminado pela esperança e a espada líquida da noite virada de feição

? Pai, ajuda-me? não entendo, não entendo?

? É a hora das gaivotas, meu amor!

Ligações

- [PCP](#)
- [Edições «Avante!»](#)
- [Jornal «Avante!»](#)
- [Revista «O Militante»](#)

Comissão das Comemorações do Centenário de Álvaro Cunhal

R. Soeiro Pereira Gomes, nº 3, 1600 - 196, Lisboa | Tel.: 217813800 / 217813857 | [Contactar](#)

URL de origem: <https://www.alvarocunhal.pcp.pt/hora-das-gaivotas>